

HERMES, DE NOVO: a Biblioteca como paisagem

Isabel Pereira Leite

Um território é quanto basta para que se defina uma paisagem. Poderão, numa Biblioteca, configurar-se os requisitos necessários ao que convencionalmente chamamos paisagem?

Se é certo que todos os nossos sentidos são convocados para que a possamos apreciar, então o espaço físico ocupado por uma Biblioteca – por qualquer Biblioteca – pode assumir os contornos de uma paisagem que se percorre em olhares a perder de vista, enquanto se ouvem as infundáveis conversas cruzadas que se desenrolam, sentindo que cada livro nos chama a viver as quatro estações que continuamente se renovam, e os quatro elementos da Natureza que, desde sempre, suscitam a Vida.

Longe das incomensuráveis e belíssimas descrições de paisagens que existem nas obras que encontramos por essas Bibliotecas fora, o que nos interessa aqui não são estas, mas outras, menos comuns, é certo, que inequivocamente nos provam serem as Bibliotecas verdadeiras paisagens de contornos tão reais quanto os de uma paisagem: é possível ver, ouvir, cheirar, saborear e tocar no que de essencial existe numa Biblioteca, mesmo que nem sequer abramos um livro, como se num povoadíssimo território nos encontrássemos, ou, até, num lugar idílico.

Há descrições de Bibliotecas que mais se assemelham a telas pintadas por artistas sensíveis, com indicações que nos deixam alerta para múltiplas interpretações e sensações. Os lugares habitados pelos livros podem ser extraordinariamente sugestivos, confundindo-se, na verdade, com paisagens que, incansáveis, atravessamos em tempos desfasados, por terem feito parte de tantos quotidianos ao longo de séculos e séculos.

Tal acontece pela pena de escritores do passado e do presente, em línguas que já não falamos e em palavras que nem todos conseguimos pronunciar. Não há dúvida de que a imaginação joga um papel crucial neste contexto. Se assim não fosse, não haveria senão lombadas em prateleiras e corredores povoados de estantes. Mas há quem veja, e sinta, para além disto e o tenha deixado registado.

Propomo-nos, através de quem o fez, resgatar paisagens desconhecidas, surpreendentes, insuspeitas; algumas, até, verdadeiras cartografias da memória. Assim, falaremos de Bibliotecas em que vemos perfeitos mapas do mundo; de Bibliotecas que são o espelho de quem as constituiu; de Bibliotecas em que nos perderíamos, com certeza, por tão labirínticas serem; enfim, da Biblioteca que cada leitor tem dentro de si, porque Hermes não desiste da sua missão.